

UNIVERSIDADE FUMEC

Presidente da Fundação Mineira de Educação e Cultura

Prof. Mateus Ferreira

Presidente do Conselho de Curadores - FUMEC

Prof. Tiago Fantini

Reitor

Prof. Antônio Tomé Loures

Vice-reitora

Profa. Maria da Conceição Rocha

DIRETORIA DA FCH

Diretora-Geral

Profa. Thaís Estevanato

Diretor de Ensino

Prof. João Batista de Mendonça Filho

Diretor Financeiro

Prof. Antônio Marcos Nohmi

Jornalismo

Coordenador – Prof. Ismar Madeira

Publicidade e Propaganda

Coordenador – Prof. Sérgio Arreguy

Coordenação do Setor de Publicações

Prof. Eduardo Martins de Lima

MEDIAÇÃO

Editor

Prof. Rodrigo Fonseca e Rodrigues

Capa

Profa. Dúnya Azevedo

Editoração eletrônica

Eduardo Costa de Queiroz – Saitec Editoração

Revisão

Maria de Lourdes Costa (Tucha)

Comissão Executiva

Prof. Aurélio José da Silva

Profa. Dúnya Azevedo

Prof. Luiz Henrique Barbosa

Profa. Vanessa de Carvalho

Profa. Viviane Dias Loyola

Conselho Editorial

Prof. Adriano Duarte Rodrigues (U. Nova de Lisboa)

Profa. Astréia Soares (U. FUMEC)

Prof. Bruno Sousa Leal (UFMG)

Prof. Eduardo Martins de Lima (U. FUMEC)

Profa. Graziela Valadares Gomes de Melo Vianna (Newton Paiva)

Prof. Luiz Ademir de Oliveira (UFSJ)

Prof. Moisés Adão Lemos Martins (U. do Minho)

Profa. Regina Motta (UFMG)

Prof. Sérgio Laia (U. FUMEC)

Profa. Thaís Machado Borges (U. de Estocolmo)

Rua Cobre, 200 • Bairro Cruzeiro • CEP 30310-190
Belo Horizonte • Minas Gerais • Tel.: (31)3228-3090
mediacao@fch.fumec.br

edição
medição

mediação

Pareceristas Ad Hoc da Revista Mediação

Ana Karenina Berutti – FPAS

Bruno Martins – UFMG

Carla Mendonça – Centro Universitário Newton Paiva

Eduardo de Jesus – PUC – MINAS

Frederico Tavares – UFRJ

Jônio Machado Bethônico – UFMG

Joana Zillerde Araújo Josephson – UFOP

Júlio César Machado Pinto – PUC MINAS

Juniele Rabelo – UFMG

Laura Guimarães – UFMG

Leonardo Vidigal – UFMG

Márcio de Vasconcellos Serelle – PUC MINAS

Maurício Guilherme Silva Junior – UNI-BH

Norval Baitello Junior – PUC-SP

Editorial

A décima segunda edição da Revista Mediação, ao abrigar o dossiê temático *As interfaces da comunicação: redes sociais, som, palavra e imagem*, vem atestar o crescente interesse acadêmico por indagações que orbitam o assunto. O desejo de pesquisadores em problematizar essa gama de experiências que se conectam ao sonho cibernético de Norbert Wiener atraiu muitos artigos surpreendentes. A constante perplexidade para com os modos tão diferentes pelos quais a vida na internet nos implica a todos acaba por nos instigar politicamente – no sentido paradigmático do termo – como cientistas da comunicação e de todas as ciências humanas a encarar o tema quimérico das redes telemáticas.

O rol de críticas abundantes e perspicazes sobre a internet remete sua gênese a um processo que se desenrola há mais de cem anos e ao qual se dá usualmente o nome de “revolução do controle”. De acordo com essa leitura, o gerenciamento tecnológico da informação, em vez de promover novos modos de existência, ampliou as desigualdades sociais sob uma estrutura política e econômica que reforça os padrões capitalistas já existentes: estratégias de rotinização que submetem o trabalho, os ritmos dos corpos, o desejo, o imaginário, a percepção, as memórias e a sensibilidade. Ademais, abre-se, ainda segundo essas críticas, um novo hiato de acesso à informação privilegiada entre os produtores e os usuários das tecnologias telemáticas. Não podemos ignorar, portanto, que a internet não existe alheia às suas estruturas centralizadas de controle. A rede telemática é, de fato, a expressão tecnológica de um grande império matemático, um ambiente simulacral erigido por cálculos numéricos e por logaritmos, suportado por um *logos* que faz com que o finito, o delimitado, o coordenável, o controlável e o sistêmico prevaleçam sobre a criatividade, a invenção e a experimentação.

A internet não pode ser, no entanto, analisada apenas como uma nova tecnologia. Ela tampouco pertence ao campo midiático e não se submete somente à lógica da comunicação. A rede comporta uma gama constelacional de atividades. O que nos intriga, no entanto, é a topologia da própria rede, essa “ecologia do virtual”, esse ambiente de simulação que apareceu como exemplo do que é aberto, que rompe hierarquias, transgride fronteiras, impede o segredo e que pode ser produzido e

apropriado por qualquer um. Sua finalidade, que outrora surgiu como uma tecnologia militar de controle e sigilo da informação, extrapolou sua meta original e se tornou um campo de experimentações impensadas por seus criadores e, desde então, por todos nós. A rede cibernética, porém, tal como nos asseguram os porta-vozes do “marketing virtual”, traz o mundo para a ponta de nossos dedos, um mundo cada vez mais ao alcance de um clique no *mouse*.

A “realidade virtual” tornou-se uma expressão sedutora para o consumidor, que passa a frequentar a internet de modo míope e mecanicamente determinado, como se ele estivesse num supermercado de escolhas personalizadas e minoritárias, confinando suas expectativas aos acalentados interesses individuais. O crescimento exponencial da rede e do número de pessoas que dela participam, a massa de informações disponíveis e a multiplicidade de conexões também produziram, ironicamente, um cenário de excesso de informação que se afigura como o seu real limite: o embotamento de nossa capacidade de explorá-lo, a dispersão e a neutralização das informações provocada pela abundância. Outro alerta começa a preocupar os pensadores deste tema: em nosso entorno repleto de imagens que atraem a atenção e nos envolvem com superfícies coloridas, a palavra tende a perder sua importância. Essa explosão de imagens significa que vivemos uma crise de valores, porque, com a superação dos textos, base de todo o saber humano – política, filosofia, história, artes e ciências –, atrofia-se o conceito diante do modelo, emblema desse mundo tecnoimagético no qual prevalece o *design* do conhecimento.

Os estudos mais recentes a respeito da cultura telemática questionam, igualmente, a natureza ultraveloz de seus fluxos, que lhe dá poderes para interferir nas filigranas da nossa percepção e de nossos hábitos mnemônicos. Nossa experiência vai se tornando sorratamente cadenciada rumo a um modo muito mais sutilizado de consumo. E, sob esse imperativo das conexões informáticas, teme-se que estejamos a correr potenciais riscos de exposição a mecanismos insuspeitados de sujeição. Essa ditadura do instantâneo, com a prevalência do emocional e da ausência de reflexão, traz à baila componentes que fazem parte de todas as formas totalitárias. De fato, as empresas informáticas e de multimídia lançam e relançam, no mercado, formas postizas de subjetividade que serão adquiridas e, de imediato, descartadas. Essa é a parte de um processo que fortalece o modo de ser pré-reflexivo de um consumidor narcisista, perseguindo desejos quase sempre orientados pelo mercado tecnológico informático, em meio a essa miríade de fluxos existenciais

que transformam nossa experiência. O usuário-cliente é trespassado, persistentemente, por inúmeros mecanismos de consumo imediatista de modos de ser, de modelos identitários efêmeros.

No campo da vida política, a sociedade cibernética promoveria, para os mais otimistas, a democracia, uma vez que a internet tomaria as pessoas mais alertas e cultas. Outros, menos esperançosos, apontam que, a despeito do aprimoramento, da rapidez, da plasticidade dos recursos de criação e de expressão, de discussão e mobilização, em contrapartida, declina-se a participação coletiva e a responsabilidade individual. Mesmo ao trazer a *ágora* para o ambiente doméstico, a arquitetura das redes sociais também produz microguetos. Com isso, trocas entre experiências sociais diferentes tendem a não acontecer. Talvez do ponto de vista global, possa-se dizer que a internet gerou uma sociedade mais complexa e diversa, na qual ocorre um aprofundamento de informações, a descoberta de preciosidades e a ampliação dos interesses.

Podemos inferir, afinal, que o potencial rizomático propicia imprevisíveis cruzamentos nas trivialidades do uso das redes. Reinventam-se políticas sob atividades e encontros que exercitam paradigmas de resistência aos assédios da cultura midiática. Artistas editam textos, sons e imagens de procedências díspares para produzir novos modos de experiência estética. Pessoas se encontram e, pelo exemplo de suas atividades, estimulam o que há de ativo em nós, nos atraem e nos agitam, nos afetam e nos impelem a outras ações, por sua vez, potencialmente contagiantes. Como teremos a oportunidade de constatar, nos artigos a seguir, a internet tem potencialidades para promover práticas criativas: artísticas, científicas, pedagógicas e profissionais.

Sobre este último item, Gabriela Nóra, em seu texto *Jornalismo e eficácia: a segmentação no noticiário impresso*, discute o fazer jornalístico impulsionado pelos avanços tecnológicos, no interior de uma cultura da eficácia, celebra o advento de uma nova temporalidade efêmera, fugaz e instantânea, aderindo ainda mais à prática de segmentação do noticiário. A autora alerta para os perigosos caminhos da excessiva fragmentação do noticiário, que, acompanhando a hipersegmentação da mídia digital, tem como objetivo fornecer conteúdo cada vez mais especializado, mas com sérios prejuízos à contextualização dos fatos narrados e à própria integridade do noticiário.

Ao apresentar a utilização dos espaços de discussão da internet nas eleições presidenciais de 2010 no Brasil, José Aparecido Oliveira avalia as possibilidades e desafios desse emergente espaço público. Na análise do artigo, *Espaço público, comunicação e novas tecnologias: desafios para*

a agenda político-institucional, o autor fundamentou-se na história dos meios de comunicação, comunicação política, espaço público e marketing político. É possível inferir, de acordo com Oliveira, que as novas tecnologias de informação (e-mails, spams, redes sociais, sites, etc.) apresentam desafios para a comunicação institucional ou partidária, além de novas exigências no trato com a comunicação interna e a externa.

Os coautores Guilherme Moreira Fernandes e Maria Cristina Brandão debatem no artigo *A projeção identitária no “Mural de Histórias” de Maysa*, os mecanismos de projeção e formação identitárias presentes no espaço “Mural de Histórias” do Portal da minissérie *Maysa: quando fala o coração*, exibida em 2009 pela TV Globo. Seu trabalho categoriza as várias facetas da cantora que foram comentadas pelos internautas. Em face de tais mecanismos de projeção-identificação, os autores tentam inferir que parcela dos internautas se dispõe a refletir sobre a própria identidade, no convívio com as múltiplas plataformas criadas pela emissora, permitindo maior aproximação do público e um espaço para manifestações de suas alegrias e angústias.

No trabalho seguinte, sob o título *Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado*, João Paulo Ciribeli e Victor Hugo Pereira Paiva apontam a contextualização do Brasil no mundo em relação à interação de pessoas por meio da internet, o comportamento dos usuários, que a estão utilizando também como meio de pesquisa para o processo de compra e a visão das empresas sobre as oportunidades e riscos. Como o número de perfis nas mídias sociais tende a crescer, as empresas que se adequarem a esse novo meio de comunicação terão grandes oportunidades no mercado.

As figuras retóricas e de técnicas de persuasão na elaboração de discursos publicitários utilizados na motivação do público a aderir a uma nova ideia é o assunto tratado por Kelly Cristina Lourenço Pinheiro no artigo *Persuasão na comunicação publicitária: a quebra da invisibilidade*. Esses recursos são, para a autora, uma tentativa de minimizar a crise de invisibilidade por que a comunicação passa dado o excesso de informação e divulgação.

Em *Pior do que tá não fica?: o espetáculo dos candidatos extravagantes no horário eleitoral definindo votos*, Gilda Maria Azevedo Alves dos Anjos aborda as questões culturais que interferem na decisão do voto, tendo em vista as expressivas votações obtidas por candidatos extravagantes nas eleições brasileiras. Discute os efeitos da banalização do uso e o consequente esvaziamento do conceito da cidadania e seus reflexos na conscientização do eleitor para o voto.

Marta Margarida Santos Dionísio de Azevedo analisa a evolução diacrônica do conceito de representação e suas diversas áreas de influência, mais concretamente nos *media*, em seu texto *O conceito de representação, os media e Oprah Winfrey: que relação?* A autora delinea um conceito de representação específico, aliado a uma personagem televisiva, assim como os produtos televisivos, neste caso, os *talk shows*, bem como as questões sociais e culturais a ela inerentes. Azevedo retrata as várias facetas do conceito de representação, assim como sua aplicação prática a produtos televisivos como marcos de uma cultura sempre em mutação, como um ícone cultural, comunicativo e sociológico.

Com base na análise crítica das narrativas de alguns filmes de ficção, Edilson Brasil de Souza Júnior, no artigo *Quem deve viver, quem precisa morrer: a importância semiótica das narrativas dos filmes de ficção científica na manutenção da ordem sociocultural dos gêneros e das sexualidades*, percebe como há um enquadramento de personagens em uma lógica heteronormativa, por meio da qual é disseminada uma série de discursos úteis na propagação de “verdades” sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, em conformidade com o ideal binário de divisão dos sexos. Essas narrativas fílmicas, de acordo com o autor, constituem uma espécie de mecanismo/investimento simbólico responsável pela reprodução de aspectos característicos dos processos de inferiorização e hierarquização entre as sexualidades nas sociedades contemporâneas.

Lúcio Reis Filho, Tomyo Costa Ito e Alfredo Suppia, no artigo *Cinema de ficção científica e efeitos especiais: uma relação intrínseca e inseparável?*, reavaliam, no âmbito da bibliografia brasileira dedicada aos estudos do cinema de ficção científica, a importância e o papel dos efeitos especiais para esse gênero cinematográfico. Os autores defendem que os efeitos especiais não são imprescindíveis ao cinema de ficção científica, havendo uma produção internacional do gênero que prescinde de efeitos sofisticados.

A emergência do campo jornalístico e dos seus profissionais é abordada por Sandra Sofia Barata, no seu texto *O ensino/formação de jornalistas em Portugal: uma história recente*, que apresenta uma breve “história do ensino/formação de jornalistas em Portugal”. Ela assinala que o conceito de jornalismo, nas sociedades democráticas, resulta de um processo de evolução que veio contribuir para a profissionalização do jornalista, na condição de comunidade profissional com identidade e autonomia.

Aparecida Luzia A. Zuin, no artigo *A educação como mediação: espaço social e política pública*, propõe a ideia de educação como mediação, na qual se compreende como uma política social planejada pelo poder público para servir à cidade, à comunidade e aos seus usuários. O modelo

de educação que se pretende “mediação” é articulado e consolidado, dando unicidade às suas ações, a fim de se atingir o objetivo da fomentação do “valor ético discursivo”, no combate ao tráfico de influências da gestão municipal nas tomadas de decisões e nos gerenciamentos das ações educativas e educacionais da escola.

Não podemos, por fim, deixar de creditar aos Srs. Diretores, Professora Thaís Estevanato, Professores João Batista de Mendonça e Antônio Marcos Nohmi, ao Coordenador do Setor de Publicações da FCH, Professor Eduardo Martins, aos nossos articulistas, ao nosso corpo de conselheiros editoriais, aos membros de nossa Comissão Executiva, especialmente à Dúnya Azevedo, criadora de nossas capas, aos nossos diligentes pareceristas *ad hoc* e aos coordenadores de curso o sucesso desta publicação. Esta revista deve a todos um sincero agradecimento.

Boa leitura!

Prof. Rodrigo Fonseca
Editor